

EXPERIÊNCIAS E CONCEPÇÕES DO YOUTUBER NELSON MARRA QUE PODEM CONTRIBUIR PARA O ATENDIMENTO A ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA

Guacira Quirino Miranda

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (FACED/UFU)

guaciraqm@hotmail.com

Arlete Aparecida Bertoldo Miranda

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (FACED/UFU)

arlete@ufu.br

Resumo: Os alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) fazem parte do público-alvo da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Todos os alunos têm direito ao acesso e permanência no sistema regular de ensino. Na escola, cada aluno deve ser atendido de acordo com suas necessidades e especificidades. Reconhecer a igualdade de oportunidades garante o acesso, mas para a inclusão, não basta inserir o aluno na escola. É preciso desenvolver práticas pedagógicas que permitam sua permanência e desenvolvimento. A educação especial e o Atendimento Educacional Especializado para pessoas com TEA devem se integrar à proposta pedagógica da escola, de modo a complementar a formação desses estudantes, e com o objetivo de eliminar barreiras em seu processo de escolarização. Este artigo apresenta um estudo de caso etnográfico digital de abordagem qualitativa. Foram examinados alguns dos vídeos do Youtuber Nelson Marra. Defende-se que suas experiências e concepções podem contribuir para a compreensão e reflexão dos professores, e resultar em um atendimento mais adequado para os alunos com TEA. Este artigo não substitui os vídeos de Marra. Pelo contrário, expressam uma recomendação para que sejam assistidos e apreciados. Muito se aprende com as produções do autor e com os comentários dos inscritos no canal do Youtuber.

Palavras-chave: Educação Especial. Transtorno do Espectro Autista. Nelson Marra.

Eixo Temático 2: Práticas pedagógicas e psicopedagógicas na perspectiva da diferença humana

EXPERIÊNCIAS E CONCEPÇÕES DO YOUTUBER NELSON MARRA QUE PODEM CONTRIBUIR PARA O ATENDIMENTO A ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA

Guacira Quirino Miranda

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (FACED/UFU)

guaciraqm@hotmail.com

Arlete Aparecida Bertoldo Miranda

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (FACED/UFU)

arlete@ufu.br

Palavras-chave: Educação Especial. Transtorno do Espectro Autista. Nelson Marra.

Eixo Temático 2: Práticas pedagógicas e psicopedagógicas na perspectiva da diferença humana

Este texto contempla, de maneira introdutória, o atendimento a alunos com Transtorno do Espectro Autista. As experiências e concepções do Youtuber Nelson Marra podem contribuir para a compreensão dos professores e para a reflexão sobre o assunto, e resultar em um atendimento mais adequado aos seus alunos.

Na perspectiva da inclusão todos os alunos têm direito ao acesso e permanência no sistema regular de ensino. Na escola, cada aluno deve ser atendido de acordo com suas necessidades e especificidades. Reconhecer a igualdade de oportunidades garante o acesso, mas para a inclusão, não basta inserir o aluno na escola. É preciso desenvolver práticas pedagógicas que permitam sua permanência e desenvolvimento. Os alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) fazem parte do público-alvo da Educação Especial, que é uma modalidade transversal de ensino, desde a educação infantil até a educação superior, que garante o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Este deve ser oferecido de forma complementar em todo o processo de ensino e aprendizagem, tanto nas aulas do ensino regular quanto nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM).

A pesquisa, de abordagem qualitativa, refere-se ao estudo de caso realizado por meio de pesquisa etnográfica digital. Foram analisadas as palavras de um autista leve que é “Youtuber”, considerando que podem fornecer subsídios para as práticas pedagógicas com os alunos com TEA nos ambientes escolares, principalmente aqueles que não exigem apoio muito substancial.

As tecnologias da informação e da comunicação, sobretudo a internet, introduziram novas formas de comunicação. O site de compartilhamento de vídeos Youtube hospeda gratuitamente os conteúdos publicados pelos inscritos, além de propiciar a eles ganhos financeiros resultantes de anúncios ou propagandas. O crescente número de publicações e de usuários do canal têm atraído inúmeras pessoas a produzirem conteúdo.

O interesse da autora sobre o assunto veio da participação em um curso de Especialização em Educação Especial e Inclusão Educacional. Ao assistir o Programa Especial da TV Brasil, que é um programa dedicado à inclusão social de pessoas com deficiência, encontrou o seguinte tema: “pessoas que utilizam as redes sociais para se expressar”. O programa exibido em 2016 apresentou, na reportagem “Youtubers - quem são e quais suas motivações”, o Youtuber Nelson Marra:

Nelson Marra tem síndrome de Asperger, e publica vídeos na internet sobre temas relacionados ao espectro do autismo. Ao compartilhar pensamentos e experiências, Nelson ajuda a ampliar o entendimento das pessoas sobre o tema (TV BRASIL, 2016, 8min20s).

A partir desse programa veio a necessidade de pesquisar os vídeos de Nelson Marra no YouTube, com o objetivo de procurar nas palavras do Youtuber conhecimentos que possam auxiliar o atendimento a alunos com TEA.

O referencial teórico, utilizado para a compreensão do tema, elucida o conceito de TEA e mostra os níveis de gravidade do transtorno, que significam o nível de apoio exigido, bem como as classificações diagnósticas que têm sido utilizadas na avaliação e reavaliação das pessoas com TEA. Faz-nos ver, ainda, que o atendimento aos alunos com TEA é responsabilidade dos profissionais da educação, e não pode estar submetido ao âmbito da medicina. Conforme Orrú (2016):

A questão que nos inquieta é a busca constante por laudos médicos que legitimem tais alunos receberem outras formas de atendimento pedagógico. Isto é, nos expropriarmos da educação e delegarmos essas decisões de cunho pedagógico à medicina. É ser excludente a partir da própria desresponsabilização pelo que pertence ao âmbito dos profissionais da educação. Ou seja, não é a medicina que tem que nos dizer o que precisa ser feito com nosso aluno (ORRÚ, 2016, p. 150).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), da Associação Psiquiátrica Americana (APA), é adotado em muitos países, e em sua quinta versão (DSM-V ou DSM-5), de 2013, apresenta o autismo como sendo um transtorno do neurodesenvolvimento, diagnosticado por meio da observação do comportamento

percebido dentro de um espectro. O DSM-5 determina que o diagnóstico do “Transtorno do Espectro do Autismo” deve contemplar três dos critérios estabelecidos, relacionados a déficits significativos na comunicação, nas interações sociais, e a padrões restritos e repetitivos de comportamento. Os sintomas, presentes desde o início da infância, se manifestam quando as demandas sociais estão acima das capacidades dessas pessoas (ORRÚ, 2016).

Os Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) abrangiam o Autismo (ou Autismo Clássico), o Transtorno Desintegrativo da Infância, a Síndrome de Asperger e a Síndrome de Rett. Com o DSM-V passou-se a adotar um único diagnóstico: o Transtorno do Espectro Autista. Conforme Araújo e Lotufo Neto (2014, p. 72), esta alteração provocou críticas dos clínicos que consideram a existência de diferenças expressivas entre os transtornos, mas a Associação Psiquiátrica Americana “entendeu que não há vantagens diagnósticas ou terapêuticas na divisão e observa que a dificuldade em subclassificar o transtorno poderia confundir o clínico dificultando um diagnóstico apropriado”.

A explicação para a fusão dos diagnósticos foi encontrada no prefácio do DSM-V, no seguinte parágrafo:

Fusão de transtorno autista, transtorno de Asperger e transtorno global do desenvolvimento no transtorno do espectro autista. Os sintomas desses transtornos representam um *continuum* único de prejuízos com intensidades que vão de leve a grave nos domínios de comunicação social e de comportamentos restritivos e repetitivos em vez de constituir transtornos distintos. Essa mudança foi implementada para melhorar a sensibilidade e a especificidade dos critérios para o diagnóstico de transtorno do espectro autista e para identificar alvos mais focados de tratamento para os prejuízos específicos observados (KUPFER, REGIER, 2012 apud APA, 2014, s. p.).

De acordo com o DSM-5, o diagnóstico individualizado do transtorno do espectro autista é realizado por meio do registro e análise de especificadores, tais como, saber se existe ou não comprometimento intelectual e de linguagem concomitantes, se existe perda de habilidades, qual a idade em que foi notado o comportamento autista, a gravidade, o histórico familiar, fatores ambientais, etc. Ou seja, o diagnóstico é específico para cada pessoa e deve ser descrito de forma detalhada. O uso do termo “espectro” se justifica, pois as “manifestações do transtorno também variam muito dependendo da gravidade da condição autista, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica” (p. 53). As pessoas que antes eram identificadas com Asperger são aquelas que, conforme esta nova classificação, estão no quadro de transtorno do espectro autista, e não apresentam comprometimento linguístico ou intelectual. Os procedimentos de

avaliação, adequados a cada autista, são realizados por meio de testes e de informantes. Além do diagnóstico inicial são feitas reavaliações ao longo do processo de desenvolvimento, para especificação da “gravidade atual, que pode variar de acordo com o contexto ou oscilar com o tempo” (p. 51). A gravidade varia de acordo com o nível de apoio exigido para a comunicação social e com relação aos comportamentos restritos e repetitivos: nível 3 - “exigindo apoio muito substancial”, nível 2 - “exigindo apoio substancial” e nível 1 - “exigindo apoio”. Não se trata de um transtorno degenerativo, “sendo comum que aprendizagem e compensação continuem ao longo da vida. Os sintomas são frequentemente mais acentuados na primeira infância e nos primeiros anos da vida escolar” (p. 56). Muitas pessoas aprendem, com o tempo e em determinados contextos, a mascarar suas dificuldades. No DSM-5 não foi encontrada a descrição de autismo leve, de alto desenvolvimento ou funcionalidade. Especificações como leve, moderada, grave ou profunda são descritas para outros transtornos e para a deficiência intelectual (APA, 2014). Coelho e Aguiar (2015) escrevem que o extremo mais ligeiro do espectro é compatível com a Síndrome de Asperger ou com o Autismo de Elevado Funcionamento. Marra (2016) às vezes refere a si como “autista leve”.

Neste artigo, tivemos o cuidado de pesquisar bibliografia posterior a 2013, para não provocar uma confusão teórica com relação à nomenclatura que é adotada na atualidade. No entanto, na leitura da Nota Técnica nº 04/2014/MEC/SECADI/DPEE, de 23 de janeiro de 2014, verifica-se que o Ministério da Educação (MEC), em sua Diretoria de Políticas de Educação Especial (DPEE) da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), faz referência ao atendimento de alunos com Transtornos Globais do Desenvolvimento. Essa Nota Técnica apresenta orientações sobre os documentos comprobatórios para a inclusão desses alunos no Censo Escolar, para que sejam identificados e atendidos como público-alvo da Educação Especial. Isto se justifica porque o documento está baseado na legislação brasileira anterior a 2013. Cita a Resolução CNE/CEB, nº 04/2009 e o Decreto nº 7.611/2011.

Esta Resolução, de 02 de outubro de 2009, publicada pela Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE), do MEC, instituiu as diretrizes operacionais para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Educação Básica, modalidade Educação Especial. No artigo 4º apresenta o público alvo do AEE, e no item II especifica como parte deste público:

II – Alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras. Incluem-se nessa definição alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos sem outra especificação (BRASIL, 2009, p. 1).

O Decreto nº 7.611/2011, de 17 de novembro de 2011, dispõe que é dever do Estado garantir a educação especial e o AEE para pessoas com transtornos globais do desenvolvimento, como parte integrante da proposta pedagógica da escola, de modo a complementar a formação desses estudantes, e com o objetivo de eliminar barreiras em seu processo de escolarização (BRASIL, 2011).

Sobre a inclusão no Censo Escolar e o atendimento ao aluno, a Nota Técnica nº 04/2014/MEC/SECADI/DPEE esclarece que não pode ser exigido o laudo médico para o diagnóstico, pois este representaria um cerceamento ao direito desses alunos, por configurar uma barreira ao seu atendimento. No atendimento, a escola terá que estudar caso a caso, e elaborar de forma individualizada um Plano de AEE para o aluno contendo estratégias pedagógicas e de acessibilidade que lhes favoreçam a participação e a aprendizagem.

Portanto, usando a nomenclatura anterior ao DSM-V, o MEC refere-se aos alunos com transtornos globais do desenvolvimento, dentre eles os autistas, para lhes garantir o direito à educação, fundamentado nos princípios da educação especial e da educação inclusiva. O documento legal que primeiro fez referência aos direitos das pessoas com “Transtorno do Espectro Autista” foi a Lei nº 12.764 (Lei Berenice Piana), de 27 de dezembro de 2012. O direito à educação lhes é garantido por esta Lei, que estabelece, ainda, punições aos gestores escolares ou autoridades competentes que recusarem a matrícula do aluno. A Nota Técnica nº 24/2013/MEC/SECADI/DPEE, de 21 de março de 2013, orienta os sistemas de ensino para a implementação da Lei nº 12.764/2012. Ratifica que a pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, e que seu atendimento escolar é pautado com base nas diretrizes e nos objetivos da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

Esta autora buscou as concepções e experiências narradas pelo Youtuber Nelson Marra por acreditar que podem contribuir para o atendimento a alunos com TEA. Na época em que participou do Programa Especial da TV Brasil, Nelson Marra estava com 22 anos de idade. Apresentou-se como “autista Asperger” e disse que criou o canal no

YouTube para compartilhar sua vida, sua experiência, com o objetivo de “ajudar autistas como eu, ou outros autistas diferentes de mim, mas que sentem o que eu sinto” (Marra, 2016 in TV Brasil, 2016, 8min38s). Contou que o primeiro vídeo foi postado apenas com a finalidade de ajudar os amigos a compreendê-lo melhor, e para que seus amigos da rede social Facebook pudessem se sentir “compartilhados” de alguma forma. Não tinha noção do alcance que seus vídeos poderiam ter. Atualmente o canal tem mais de 11 mil inscritos e seus vídeos totalizam quase 496 mil visualizações. Contém 45 vídeos sobre autismo, e o último foi postado em setembro de 2016. Marra explicou em sua rede social que teve que parar com suas atividades por motivo de saúde: as palestras, as demandas das pessoas e sua necessidade de responder a todos, dentre outros fatores, fizeram com que se sentisse pressionado. Estava estressado. Precisava cuidar de si.

Falando de seu processo de alfabetização, Marra (2016), conta que aprendeu a ler aos cinco anos de idade a partir de um livro que ele gostava muito, a história da Branca de Neve. Já havia visto o filme e gostava de “tudo que era livro da Branca de Neve”:

O livro era da minha história preferida daquela época, que era a história da Branca de Neve. Foi o primeiro filme da Disney que eu gostei. Que eu assisti. Então eu gostava de tudo que era livro da Branca de Neve. Foi muito rápido, eu sei, pra um autista, mas eu sei que também tem outros autistas que aprenderam muito rápido. Comigo foi assim (MARRA, 2016).

De acordo com Marra (2016), dois aspectos são fundamentais e precisam ser considerados na alfabetização dos “autistas de alta funcionalidade”: trabalhar a partir das imagens, pois as imagens são muito fortes para os autistas; e contemplar as coisas que eles gostam mais, porque autistas tendem a ter um hiperfoco, alguma área de interesse em especial, como, por exemplo, determinados livros, filmes, animais, e até o tipo de pessoas que preferem:

Vai nas coisas que a gente gosta, nos nossos interesses. (...) Aí fica fácil. Vamos supor que ele goste de algum filme da Disney lançado recentemente. Vamos supor que ele que ele tenha gostado muito do filme Frozen ou Zootopia, lançamentos famosos fizeram sucesso, de agora, recente. Você compra um livro desse filme. (...) Eu não gostava de ler livro de história que eu não conhecia. Gostava de ler os livros dos filmes que eu gostava, entendeu? Porque a figura do personagem estava lá. (...) A imagem, gente, livros com muitas gravuras, muita imagem. Isso é ótimo! A imagem vai chamar atenção da criança autista para ela se interessar por aquilo e vão ficar querendo olhar para aquilo várias vezes. Vai facilitar tudo, entendeu? (MARRA, 2016).

Capellini, Shibukawa e Rinaldo (2016) analisaram a estratégia usada por uma professora no processo de alfabetização de um aluno com TEA, em uma sala de aula regular. A participação plena e autônoma na sociedade requer, da escola comprometida com a inclusão social de seus alunos, que os processos de alfabetização (saber ler e escrever) e letramento (compreender a leitura textual e saber fazer frente às demandas sociais da leitura e da escrita) ocorram concomitantemente:

O processo de alfabetização e letramento é essencial para que o sujeito consiga interagir na sociedade, isso porque o código linguístico se constitui de signos arbitrários convencionados socialmente, utilizados para transmitir uma ideia ou um ponto de vista, desenvolvendo comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais. Assim, é por meio da alfabetização e do letramento que o sujeito torna-se capaz de analisar as mais diversas situações de interação que ocorrem na sociedade, conseguindo analisar crítica e reflexivamente a sua realidade, bem como modificá-la. (CAPELLINI, SHIBUKAWA, RINALDO, 2016, p. 87).

As autoras defendem que é preciso acreditar no potencial do aluno e buscar práticas pedagógicas diferenciadas, que considerem as limitações geradas pela deficiência. O texto oferece as estratégias, de se contar histórias e utilizar um álbum de fotografia, sendo que este ajudou na alfabetização e também no processo de interação e inclusão do aluno com os colegas da sala de aula.

Trabalhar com o aluno autista a partir de seu eixo de interesse, de curiosidade, de prazer, permite promovê-lo a etapas mais avançadas, integrando novos saberes àqueles que se relacionam à sua área de interesse. Conhecer seus interesses, habilidades e aptidões, além de facilitar o processo de desenvolvimento do aluno é, antes de tudo, contribuir para que se torne protagonista em seu processo de aprender, e uma forma de mostrar a ele que é respeitado e valorizado (ORRÚ, 2016).

Sobre a declaração de Marra (2016), de que as imagens são muito fortes para o autista, temos um exemplo dado por Orrú (2016, p. 69-72), acerca da autista de alto funcionamento Mary Temple Grandin, que tem a peculiaridade de “pensar por imagens, e a conexão das imagens em seu pensamento dá sentido às palavras”, mas nem todos os autistas pensam por imagens. Temple Grandin diferencia três padrões de pensamento: fotorrealístico visual, relativo às pessoas que, como ela, pensam por imagens; por padrões, música ou mente matemática, e as pessoas com essa característica apresentam dificuldade de leitura e, muitas vezes, são disléxicas; e mente verbal, própria das pessoas que demonstram conhecer muitos fatos, de coisas variadas.

A respeito dos movimentos repetitivos, Marra (2015c) considera que esta é uma característica da maioria dos autistas, e a que as pessoas mais observam. Cada autista

repete o movimento que mais lhe agrada. Conta que desde os três anos de idade apresentou movimentos repetitivos, descreve aqueles dos quais se lembra e diz que desde os sete anos gosta de folhear uma revista “grossa e com folhas macias”. Isto lhe faz muito bem e tira dele qualquer nervosismo. Ajuda-o a lidar com a ansiedade, descansar, controlar e organizar os pensamentos “acelerados”. As pessoas podem estranhar ao vê-lo folheando a revista inúmeras vezes, mas é algo que não chama tanto a atenção e lhe trás grande conforto. Foi esta a maneira que encontrou para lidar com sua necessidade de repetir os movimentos.

Conforme Coelho e Aguiar (2015), Lorna Wing dividiu as atividades repetitivas e estereotipadas em simples e complexas. As atividades simples incluem, por exemplo, atividades como abanar as mãos ou objetos. As atividades complexas podem envolver objetos (fixação intensa e sem objetivo por determinados objetos, tendência a acumular objetos); envolver rotinas (fazer sempre o mesmo percurso ou criar rituais de comportamento); envolver atividades verbais ou abstratas (que incluem o interesse por um determinado assunto ou a tendência a perguntar sempre as mesmas coisas). A complexidade das rotinas se relaciona à idade da pessoa ou à sua competência, levando em conta a variação do espectro em que o autista está:

As crianças mais velhas ou mais competentes têm tendência a evidenciar rotinas mais complexas, por comparação com as crianças com autismo grave, que se envolvem mais em atividades que provocam sensações físicas repetitivas. No entanto, muitas crianças adolescentes, e mesmo adultos com Síndrome de Asperger, poderão executar movimentos físicos repetitivos, principalmente em situações que provoquem ansiedade ou, pelo contrário, muita alegria, por não conseguirem se expressar de outra forma (COELHO, AGUIAR, 2015, p. 25).

No vídeo sobre o Autismo e a Frustração, Marra (2016b) fala sobre a falta de estrutura que as pessoas com TEA possuem para lidar com a frustração. Ao fazer alguma coisa que ele gosta, e que não dá certo, a frustração é tão intensa que pode fazer a pessoa “regredir”. Para lidar com o erro e a frustração os autistas precisam de apoio. O recomendável é dizer “sim” sempre que possível, mas o autista também tem que saber quando ele está errado e ele precisa conhecer limites. “Você tem que dizer para um autista que ele está errado. Mas o que você vai fazer? Você vai usar uma coisa que na linguagem da gramática portuguesa, a gente chama de eufemismo. É amenizar uma coisa ruim com um nome bom”.

A baixa tolerância à frustração é característica das pessoas com TEA, e pode ser um fator gerador de stress e agressividade. A este respeito, para orientar o atendimento

pelos professores, é possível adaptar as palavras de Figueiredo (2011), que escreveu sobre estratégias de comunicação clínica com crianças com PEA (Perturbações do Espectro do Autismo):

O papel do ambiente, especialmente no contexto relacional é muito relevante para a criança com PEA. Perante situações de stress, a carga emocional excessiva pode ser libertada através de comportamentos agressivos dirigidos a pessoas ou a objetos, pelo que o médico deve estar atento a qualquer fator que possa precipitar emoções negativas e comportamentos disruptivos. Cada criança autista tem diferentes níveis de tolerância perante situações precipitantes de stress, que podem melhorar quando a criança confia no profissional (FIGUEIREDO, 2011, s. p.).

Até o momento foram contempladas, de forma mais abrangente, questões relativas à alfabetização e letramento dos alunos autistas, o trabalho com base nos eixos de interesse e padrões de pensamento, e as características de repetição e estereotipia. Outros aspectos relacionados à vida escolar do autista estão disponíveis nos vídeos de Marra (2015, 2015b): Autismo - O Autista na Sala de Aula: Esclarecimentos e Experiências - Parte 1 e Parte 2, que aqui são abordados de forma sucinta:

Marra (2015) não tem saudade dos tempos de criança na escola. Acredita que todos deveriam ter a chance de ter boas lembranças. O aluno autista se ressentia pelo fato de estar longe de casa, “dos seus rituais”, “das suas manias”, exposto a diferentes pessoas. Tem medo de que algo ruim lhe aconteça e que não saiba se defender. A exigência da escola onde estudou dos seis aos nove anos (escola particular) era grande, e todos os alunos eram cobrados da mesma forma, sem levar em consideração as diferenças e as necessidades educacionais especiais que a criança poderia ter. Gostava das professoras, “achava elas simpáticas nas horas em que não tínhamos aula”, e “pensava que ela estava certa de gritar comigo”. “Ou seja, eu pensava que o problema era eu”. As pessoas estão presas a rótulos sobre o autista, como sendo “aquele que se afasta de tudo”, e pela falta de compreensão, informação e conscientização, não acreditam que alguém que sabe conversar bem e tem um convívio social razoável seja uma pessoa com TEA. Isto prejudicou a vida escolar de Marra.

Nesses vídeos, e nos vídeos em que fala sobre a mediação professor/aluno/alunos e/ou mediador em sala de aula (acompanhante especializado), Marra (2015, 2015b, 2016c e 2016d) apresenta sugestões sobre o trabalho pedagógico com alunos com TEA:

Que a professora da sala de aula precisa ter calma e paciência com o aluno, e se dirigir ao aluno em particular para dar orientações sobre as tarefas que ele precisa realizar. Por exemplo:

Eu era tão perdido na escola que na hora em que a professora mandava escrever o nome eu olhava pro nome da coleguinha, e colava o nome ela ali. Aí ela (a professora) gritava comigo: “Nelson, você tá colando, você tá escrevendo o nome da sua colega, era pra escrever o seu nome”. E eu não entendia, gente! Quando ela escrevia no quadro eu não sei o que acontecia com a minha cabeça, eu não conseguia detectar que aquilo era para ser copiado. A partir do momento que eu comecei a entender que aquilo que estava ali era para copiar, aí eu passei a copiar tudo. Eu copiei até o que não precisava. (...) Perdia até tempo fazendo isto, enquanto as pessoas já estavam no exercício, o Nelson estava ali copiando. (...) Não era por preguiça ou falta de vontade, era porque, e eu realmente não sei explicar como, mas alguma coisa na minha cabeça não conseguia entender que aquilo era pra ser copiado. Eu acho que eu teria entendido se a professora tivesse chegado até a mim, falando baixinho, perto de mim, falando bem assim: “Nelson, esse conteúdo que está ali no quadro, agora você vai escrever tudo no caderno” (MARRA, 2016c, 4min30s).

Dedicar um tempo da aula para atender os alunos com TEA, porque, muitas vezes, eles têm mais dúvidas, dificuldades e demoram mais para realizar as atividades.

Adequar a quantidade e o nível de dificuldade das atividades ao que o aluno é capaz de fazer. Marra (2015) conta que certa vez a professora gritou com ele porque ele não conseguia realizar a tarefa. Ficou tão assustado que não conseguia fazer contato visual com a professora. A professora forçou o contato visual, e na época ele não conseguia olhar nos olhos das pessoas. De susto, ele caiu da cadeira e bateu a cabeça no chão.

Compreender o foco de interesse do aluno. Não esperar que ele obtenha nota máxima em uma matéria que não faz parte do seu repertório. A avaliação precisa estar de acordo com a capacidade de realização do aluno.

Intervir em todas as situações que causam desconforto sensorial. Não querer colocar o autista à prova para “ver até onde ele é capaz de chegar”. Instigá-lo pode lhe fazer muito mal.

Se perceber que a criança está desconfortável não insista, tire-a dali e leve para outro lugar, se for preciso leve até para casa. Se você der o abraço na criança na hora da crise leve a para casa, tire dali. Existem algumas coisas em nós que a gente só consegue resolver se a gente acabar com aquilo, estiver longe daquilo. Percebeu que a criança está prestes a desencadear uma crise tire-a dali, leve para fazer alguma coisa que ela realmente gosta, leve-a para outro lugar, só você e ela, passe um tempo lá (MARRA, 2016d, 11m40s).

A criança autista não deve ser forçada a fazer todas as atividades da aula de Educação Física. Geralmente não gosta de jogar bola porque se assusta, não tem

coordenação motora e se sente exposta. As crianças com TEA não são competitivas e os colegas não compreendem isto. A atividade física precisa estar de acordo com a motivação do aluno.

Marra (2016c, 2016d) cita a Lei nº 12.764 para alertar sobre o direito a um mediador. Acredita que um professor mediador o teria ajudado nos anos iniciais de escolarização, pois não tinha consciência de que precisava ser feito ou, às vezes, não compreendia como fazer a tarefa e a realizava de maneira oposta ao que estava sendo solicitado. Disse que teria que ser uma pessoa paciente, porque os professores da aula regular que o atendiam não tinham paciência porque não compreendiam o autismo, por falta de informação ou consciência sobre o que era o autismo.

Recomenda que, para facilitar a comunicação e dar um sentido às palavras, sejam explicadas aos autistas as metáforas, expressões idiomáticas ou gírias que são usadas na linguagem comum dos neurotípicos.

Esses alunos têm dificuldade em lidar com situações imprevistas e gostam de ter uma rotina. Possuem tendência a se irritar diante das imprevisibilidades. Por isto, é recomendável que seja estruturada uma rotina e que sejam adotadas medidas para que o aluno sinta que exerce um controle, como por exemplo, ter um relógio para que ele saiba o horário. Caso aconteça algo inesperado, explicar isto ao aluno, com muita calma.

Estimular a imitação dos movimentos e sons. Para Marra (2016c) este aspecto é muito importante, e ele conta sua experiência a este respeito:

A imitação, ela salvou a minha vida. Com o teatro, graças à imitação, eu fiquei feliz e me dei bem quando fui fazer teatro amador, aos 14 anos. Antes eu já imitava personagens de desenho animado. Muitas autistas, muitos, imitam personagens da televisão, a voz. Se ele é não verbal, imita as atitudes, movimentos. O personagem pula, ele pula igual, entendeu? Incentivem a eles fazerem isso também com as pessoas. Eu passei a viver melhor quando passei a ver os seres humanos da minha vida lá fora, do mundo lá fora, como personagens de filmes, como personagens da vida. Eu parei de vê-los como pessoas sem graça, porque, para mim, quem não era do desenho animado e quem não era do cinema, da televisão, da ficção era sem graça. O real era sem graça. Quando eu passei a comparar a inserir as pessoas do mundo real como personagens da vida tudo melhorou, e eu passei a gostar também das pessoas reais. E imitando as pessoas reais, gente, imitando a maneira delas se sentarem, imitando a maneira dos outros meninos neurotípicos se vestirem, foi assim que eu aprendi a vestir roupas que me deixassem às vezes mais elegante, mais bonitinho, mais para frente né? Foi quando eu passei a me sentir bonito pela primeira vez na minha vida, quando eu passei a imitar o jeito de se vestir dos meninos neurotípicos. Foi assim que eu me senti bonito na minha vida porque, antes, eu me sentia muito feio desde sempre entendeu? (MARRA, 2016c, 11min34s).

Tentar minimizar o isolamento da criança, com delicadeza, sem ser autoritário ou insistente. Ensinar a criança, aos poucos, a participar de atividades sociais, principalmente através das coisas que ela gosta. Se os colegas estiverem fazendo algo que ele aprecia, que é seu foco de interesse, ele irá se aproximar com mais facilidade, vencendo o medo da interação. A intermediação nas questões sociais é importante quando o aluno não está conseguindo lidar verbalmente ou psicologicamente com alguma situação, às vezes ele está querendo dizer alguma coisa, mas não consegue se expressar e se sente mal quando as pessoas não o compreendem. Caso o autista seja não verbal, o mediador irá ajudar na comunicação.

Entender que quando o aluno se isola nem sempre está triste, infeliz ou se sentindo mal. Ele sente necessidade de se isolar um pouco, “ficar no seu mundo” para se sentir seguro e em paz, e isto precisa ser respeitado. Por outro lado, se estiver se sentindo bem em algum lugar, ele mesmo pode quebrar o isolamento. Assim, é importante saber se ele está disposto ou se algo não o está agradando, para ajudá-lo a sentir-se mais confortável.

Explicar às outras crianças que há crianças no mundo que possam não querer brincar com elas ou não saibam como brincar; e que por isto elas têm que abordá-la de maneira um pouco mais delicada, um pouco mais cuidadosa, para não causar a rejeição imediata do autista.

Não há como concluir este texto sem demonstrar gratidão a Nelson Marra por sua contribuição para o entendimento sobre as pessoas com TEA. As tecnologias da informação e da comunicação abriram novos espaços para sociabilidade e disseminação de conhecimentos, e Marra soube aproveitar estes espaços para agregar valor. Ele mesmo se surpreendeu com a repercussão de seus vídeos, conforme declarou no Programa Especial da TV Brasil. Este artigo não substitui os vídeos de Marra. Pelo contrário, expressam uma recomendação para que sejam assistidos e apreciados. Muito se aprende com as experiências e concepções do autor e com os comentários dos inscritos no canal do Youtuber.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM-5**. Trad.: Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <<http://c026204.cdn.sapo.io/1/c026204/cld->

file/1426522730/6d77c9965e17b15/b37dfc58aad8cd477904b9bb2ba8a75b/obaudoeeducador/2015/DSM%20V.pdf>. Acesso em 30 set. 2017.

ARAÚJO, Álvaro Cabral; LOTUFO NETO, Francisco. A nova classificação americana para os transtornos mentais - o DSM-5. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. 2014. v. XVI. nº 1. Disponível em: <<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/viewFile/659/406>>. Acesso em: 30 set. 2017.

BRASIL. Decreto n. 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 nov. 2011, edição especial. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm>. Acesso em: 30 set. 2017.

_____. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Acesso em: 30 set. 2017.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução n. 4, de 2 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf>. Acesso em: 30 set. 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Diretoria de Políticas de Educação Especial. Nota Técnica nº 04/2014/MEC/SECADI/DPEE, de 23 de janeiro de 2014. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15898-nott04-secadi-dpee-23012014&category_slug=julho-2014-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 30 set. 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Diretoria de Políticas de Educação Especial. Nota Técnica nº 24/2013/MEC/SECADI/DPEE, de 21 de março de 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13287-nt24-sistem-lei12764-2012&category_slug=junho-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 30 set. 2017.

CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho; SHIBUKAWA, Priscila Hikaru S.; RINALDO, Simone Catarina de Oliveira. Práticas pedagógicas colaborativas na alfabetização do aluno com transtorno do espectro autista. **Colloquium Humanarum**. v. 13, n. 2, p.87-94. abr./jun. 2016. Disponível em: <revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/download/1309/1651>. Acesso em: 30 set. 2017.

COELHO, Alda Mira; AGUIAR, Ana Isabel. **Intervenção Psicoeducacional Integrada nas Perturbações do espectro do Autismo: Um Manual para Pais e**

Professores. 2ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 2015. [preview] Disponível em: <<https://www.wook.pt/livro/intervencao-psicoeducacional-integrada-nas-perturbacoes-do-espectro-do-autismo-ana-isabel-aguiar/16209507>>. Acesso em: 30 set. 2017.

FIGUEIREDO, Ana Rita de Carvalho. Estratégias de comunicação clínica com crianças autistas. 2011. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina). Universidade do Porto, Faculdade de Medicina, Porto - Portugal. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/61034/2/Estratgias%20de%20comunicao%20clinica%20co m%20crianas%20autistas.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2017.

KUPFER, David J.; REGIER, Darrel A. Prefácio. 2012. In: AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM-5**. Trad.: Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <<http://c026204.cdn.sapo.io/1/c026204/cld-file/1426522730/6d77c9965e17b15/b37dfc58aad8cd477904b9bb2ba8a75b/obaudoeeducador/2015/DSM%20V.pdf>>. Acesso em 30 set. 2017.

MARRA, Nelson. Autismo: Alfabetização - Experiências e Dicas. **Youtube**. 2016. 14min58s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o7vuUp_ffUI>. Acesso em: 30 set. 2017.

_____. Autismo: A Frustração. **Youtube**. 2016b. 14min48s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gEQ0WSZyxpA>>. Acesso em: 30 set. 2017.

_____. Autismo: O Mediador em Sala de Aula. **Youtube**. 2016c. 14min57s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wFXdiJkqeNI>>. Acesso em: 30 set. 2017.

_____. O Autista e o Mediador: Novas Dicas e Esclarecimentos. **Youtube**. 2016d. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r99C-2x0uz8>>. Acesso em: 30 set. 2017.

_____. Autismo - O Autista na Sala de Aula: Esclarecimentos e Experiências - Parte 1. **Youtube**. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ORbImsZMhIU>>. Acesso em: 30 set. 2017.

_____. Autismo - O Autista na Sala de Aula: Esclarecimentos e Experiências - Parte 2. **Youtube**. 2015b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GKZSneWRUpU>>. Acesso em: 30 set. 2017.

_____. Autismo: Os Movimentos Repetitivos. **Youtube**. 2015c. 14min58s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xdBT9_9W0fI>. Acesso em: 30 set. 2017.

TV BRASIL. Youtubers – quem são e quais suas motivações. **Programa Especial**. 2016. Disponível em: <<http://tvbrasil.etc.com.br/programaespecial/episodio/youtubers-quem-sao-e-quais-suas-motivacoes>>. Acesso em 30 set. 2017.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Aprendizes com autismo**: aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.